

O ROMANTISMO NA EUROPA E NO BRASIL

META

Introduzir a estética romântica, mostrando a sua adaptação à realidade brasileira, ressaltando os autores e obras do período.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer a estética romântica a partir da sua origem, destacando sua peculiaridades;

reconhecer nos textos da nossa literatura as características do romantismo brasileiro;

identificar a riqueza desse momento estético e sua importância para a literatura brasileira.

PRÉ-REQUISITOS

Para aproveitar bem esta nossa aula, é importante que você esteja afiado nos conteúdos contemplados nas aulas 1 e 2. dica: faça uma releitura delas antes de se debruçar sobre esta nova temática: o Romantismo.



O romantismo também influencia a música. Beethoven é considerado o primeiro a usar uma temática pessoal e interiorizada, depois é seguido por Chopin, Tchaikovsky e outros. Acima a pintura em aquarela e guache de Teofil Kwiatkowski, feita entre 1849 e 1860, que representa Chopin tocando sua Polonesa no Hotel Lambert.(Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

INTRODUÇÃO



A estética romântica e a liberdade de criação (Fonte: <http://tatianegodoy.files.wordpress.com>).

Olá, tudo em ordem? Você já ouviu falar em Romantismo? Na aula anterior, tratamos de mostrar o Barroco e o Arcadismo – dois momentos estéticos bastante influenciados pela Península Ibérica (Portugal e Espanha) –, ressaltando alguns pontos comuns entre ambos e o Romantismo, um dos mais importantes movimentos literários que teve todas as qualidades de uma revolução, dando largas às manifestações do temperamento poético e literário nacionais. O Romantismo é, sem dúvida, ao lado do Modernismo, o mais importante momento literário no Brasil. E isto se deve ao fato de que é com ele que a literatura adquire sua autonomia, pois, até então, ela estava ligada, colonialmente, à literatura portuguesa, embora possuísse características brasileiras, conforme estudado na aula passada a partir do pensamento de Afrânio Coutinho (2008).

É significativo o fato de Antonio Cândido dar por encerrada sua história da literatura brasileira, denominada *Formação da literatura brasileira* (1997), no segundo volume, aquele que trata por “dedicado ao Romantismo”. Estava, então, formada a literatura brasileira, agora ressaltando suas características próprias.

Construir uma literatura nacional fazia parte do projeto nacionalista, que surgiu no início do século XIX e levou o país à independência em 1822. A literatura romântica surgiu num momento político extremamente importante, incorporando os ideais de uma nação livre e independente. Por isso foi tão rica e exuberante, com muitos poetas e prosadores que exaltavam a natureza e o homem brasileiros. Para avaliar devidamente uma obra romântica é preciso não perder de vista o momento político em que surgiu.

AS RAÍZES DO ROMANTISMO



As raízes do romantismo (Fonte: <http://sunsite.nus.sg>).

Iniciaremos nossa aula abordando um pouco sobre o surgimento da estética romântica na Europa, mais precisamente nos países anglo-germânicos, vindo para o Brasil através da França e Portugal. A Revolução Industrial e a Revolução Francesa de 1789, com o advento da industrialização e o fim da aristocracia, tiveram papel marcante no aparecimento de uma estética que pregava o elogio do natural contra a razão, marca do Classicismo. Romântico vem de “romance”, no sentido de história interessante, pitoresca, fantástica, extravagante. Da palavra francesa *roman*, as línguas modernas derivaram o sentido corrente no século XVIII, e que penetrou no Romantismo, designando a literatura produzida à imagem dos “romances” medievais, fantasiosos pelos tipos e atmosfera, nos explica Afrânio Coutinho (1986).

Por volta de 1820, diversos países europeus já usavam o substantivo Romantismo para designar uma transformação estética desenvolvida em oposição à tradição neoclássica e inspirada nos modelos medievais. A poesia romântica pretendia ser uma arma de defesa contra o cotidiano prosaico. Apelando para a fantasia e imaginação, ela rompia com as características clássicas de harmonia e equilíbrio. O mal do século era um sentimento de insatisfação com o mundo atual, em que a cultura e o progresso eram condenados por repressivos e tirânicos, o que justifica o evasão romântico. A alma romântica é saudosa do passado, de tudo

que esteja distante da civilização. Daí a importância da natureza, tão decantada pelos românticos. Enquanto a arte clássica era concebida como “imitação objetiva do real”, a arte romântica era a “expressão da subjetividade”, isto é, expressão do eu.

O ‘eu’ é supervalorizado e o artista tem a liberdade de criar a partir da sua subjetividade, sem obedecer a modelos, como na estética clássica. Os passados nacionais foram resgatados como fonte de inspiração de poetas e prosadores. Os romances históricos exaltam o passado com seus cavaleiros fiéis e corajosos. Que passado é esse? É a Idade Média que faz parte da história dos países europeus e que nós, descobertos pelos portugueses no século XVI, não tivemos. O que havia aqui, antes da chegada dos portugueses? O índio. E é este elemento natural que vai substituir o cavaleiro português nas nossas obras românticas. Vejam, ele era o homem natural, livre, filho da nossa terra; e a liberdade foi algo de extrema importância para os românticos! Daí o indianismo ter sido um veio riquíssimo da nossa literatura romântica.

Alencar, o nosso maior romancista romântico, explica que este índio não era a cópia do índio real, mas o resultado de uma transfiguração que fazia desse índio um parente distante do cavaleiro português, pela sua lealdade e coragem. Vocês já devem ter ouvido falar do Peri, o grande herói do romance *O Guarani*, uma das obras primas de Alencar. Trata-se de um romance de aventura, em que o índio vence todos os obstáculos, salvando a Ceci da destruição total. Então, vocês já devem ter notado que o nosso Romantismo, embora herdeiro do Romantismo europeu, apresenta características próprias que o tornam diferente, isto é, mais brasileiro. Como já dissemos, o momento era de profundo antagonismo com Portugal, que estava explorando nossas riquezas e cerceando nossa liberdade.



José de Alencar, “o patriarca do Romantismo” (Fonte: <http://www.ufmg.br>).

A Inconfidência Mineira, ocorrida no século XVIII sob os auspícios do Arcadismo, foi uma das manifestações anti lusitanas. A insatisfação popular era muito grande e a estética romântica européia, marcada pelo sentimento de insatisfação, foi um prato feito para a expressão do nosso nacionalismo. Com base no princípio de que o homem varia no tempo e no espaço, os escritores tiveram a liberdade de trazer para suas obras a natureza brasileira, completamente diferente da portuguesa, e o homem natural, isto é, o índio, transfigurado em herói. A língua também sofreu os efeitos desse nacionalismo, uma vez que foi adquirindo feição própria, até certo ponto diferente da língua falada em Portugal. Só a partir daí é que podemos falar em língua portuguesa falada no Brasil, mas nunca em língua brasileira, pois as diferenças não são suficientes para a criação de outra língua. Para resumir a relação do nosso Romantismo com o Romantismo europeu, eis as palavras do mestre Antonio Candido (1997) que muito bem colocou a questão:

Com isto já é possível indicar os elementos que integram a renovação literária designada genericamente por Romantismo – nome adequado e insubstituível, que não deve porém levar a uma identificação integral com os movimentos europeus, de que constitui ramificação cheia de peculiaridades. Tendo-se originado de uma convergência de fatores locais e sugestões externas, é ao mesmo tempo nacional e universal. O seu interesse maior, do ponto de vista da história literária e da literatura comparada, consiste porventura na felicidade com que as sugestões externas se prestaram à estilização das tendências locais, resultando um movimento harmonioso e íntegro, que ainda hoje parece a muitos o mais brasileiro, mais autêntico dentre os que tivemos. (p. 153).

Sua extensão e riqueza são tão grandes em nossa literatura, que se convencionou estudá-lo em etapas, que apresentam características até certo ponto diferentes, mas todas integradas à proposta de expressão nacional autêntica. Faz parte do nacionalismo literário a exaltação da natureza brasileira na sua pujança e grandiosidade. É só ler o início de *O Guarani*, para percebermos o entusiasmo com que o narrador descreve o rio Paquequer, que compões o cenário do romance.

Aí, o Paquequer lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pêlo esparso pelas pontas de rochedo e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, fuge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa. (ALENCAR, 2005, p. 19).

Através do processo de animização, o narrador empresta ao rio uma força extraordinária, criando uma natureza dinâmica e grandiosa. Alencar é um mestre na exaltação da natureza brasileira. O indianismo, tão bem trabalhado por Alencar, também faz parte do projeto nacionalista de exaltação da realidade brasileira. Lendo a descrição que o narrador faz do Peri, percebemos como a imaginação romântica é poderosa.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculca da graça, da força e da inteligência. (ALENCAR, 2005, p. 23)

Atentem para a “beleza inculca”, pois é o ser inculca que lhe atribui maiores qualidades, isto é, qualidades naturais e não “cultivadas” pela civilização. Com a Iracema, do romance homônimo, acontece o mesmo, isto é, ela é exaltada por seus atributos naturais. Vejamos: “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira”. As comparações sistemáticas com a natureza inserem a personagem no contexto da flora e da fauna, tornando-a um elemento da paisagem brasileira. E tudo para melhor exaltar a nossa realidade.

A religiosidade também aparece, no Romantismo, como elemento indispensável por se opor ao temário pagão dos clássicos. Ela aparece como fé específica, como crença e devoção, mas, sobretudo, como posição afetiva, um espiritualismo mais ou menos indefinido e quase sempre associado à natureza. Vejamos como Alencar associa as duas coisas em *O Guarani*, de forma primorosa, “Como é doce e grave no meio das nossas matas a hora misteriosa do crepúsculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Criador para murmurar a prece da noite!”; e, mais adiante, o narrador se refere ao sentimento religioso dos personagens: “Era uma cena ao mesmo tempo simples e majestosa a que apresentava essa prece meio cristão, meio selvagem; em que todos aqueles rostos, iluminados pelos raios do ocaso, respirava um santo respeito” (ALENCAR, 2005, p. 32).

O regionalismo, extremamente atuante na literatura brasileira, nasce com o Romantismo, pois faz parte da necessidade de incorporar a realidade brasileira. O romântico exalta a região como um torrão da terra natal, sempre enaltecendo suas qualidades. Bem diferente é o regionalismo modernista, que, na sua ânsia de crítica e denúncia, aponta para as mazelas regionais. Cabe, portanto, ao Romantismo, a virtude de ter introduzido essa vertente tão rica em nossas letras. Outro aspecto importante a salientar é a questão da linguagem. Lendo um romance romântico, vocês vão se dar conta da verbosidade excessiva. As descrições são longas e minuciosas- é o que cha-

mam de realismo romântico- porque o escritor romântico não acredita na eficiência da língua e, por isso, fala tanto. Para se expressar, ele usa metáforas, comparações, hipérbolos, enfim, tudo o que pode para suprir a carência das palavras, sempre aquém da plenitude. Vale a pena citarmos Antonio Cândido (1986), que tão bem estudou a questão:

De qualquer modo, a natureza é algo supremo que o poeta procura exprimir e não consegue: a palavra, o molde estreito de que ela transborda, criando uma consciência de desajuste. Boa parte do mal do século provém desta condição estética: desconfiança da palavra em face do objeto que lhe toca exprimir. (p. 132).

A dupla temática amor e morte aparece freqüentemente, sobretudo, na poesia, onde os poetas dão vazão a seus sentimentos. A associação do sentimento amoroso à idéia de morte provém do pessimismo romântico, para o qual a própria vida parece o mal. Na literatura brasileira, Álvares de Azevedo é quem melhor exprime a relação amor e morte, em poemas onde se misturam sonho e realidade. Observem a seguinte estrofe do poema “Lembrança de morrer”:

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela;
- Foi poeta, sonhou e amou na vida.

Já vimos alguns traços do Romantismo que o distinguem do Romantismo europeu, mas como e quando esse estilo surge entre nós? Vamos ver. Um grupo de intelectuais interessados em reformar a cultura brasileira, até então atrelada a Portugal, vai ser o responsável pela introdução no Brasil da estética romântica. Introduziram o Romantismo reformando a poesia, inaugurando o romance e a crítica, criando por assim dizer a vida literária moderna no Brasil com o seu arsenal de publicações e algumas revistas voltadas para a realidade brasileira. Esse grupo era marcado pela dualidade nas atitudes, pois oscilavam entre duas estéticas, a clássica e a romântica, dualidade esta própria de grupos de transição.

Os primeiros românticos publicam seus textos, onde se percebe o entusiasmo pelo Brasil, nas revistas *Niterói* (1836), *Minerva Brasiliense* e *Guanabara*. São nomes representativos do jornalismo da época, como Gonçalves de Magalhães, Torres-Homem, Pereira da Silva, Joaquim Norberto e Teixeira e Souza, este considerado, juntamente com Joaquim Manuel de Macedo, os primeiros romancistas brasileiros. Formam um grupo respeitável, todos irmanados pelo sentimento de libertação da nossa

cultura. No fundo, como acontece a todo momento transitório, foi uma geração cheia de contrastes que teve o mérito de oficializar a reforma literária. São liberais na medida em que o liberalismo representava então a forma mais pura de nacionalismo, o anti lusitanismo, o amor ao progresso, o abolicionismo e a aversão ao governo absolutista.

Uma das expressões mais vivas do sentimento político desses escritores foi o interesse pela Inconfidência Mineira, considerada por eles o passo decisivo para o processo de construção nacional. Eles tiveram um papel muito importante na introdução da estética romântica no Brasil, apesar das oscilações entre Classicismo e Romantismo, oscilação esta própria dos momentos de transição. Não podemos esquecer que a literatura brasileira ainda estava em formação e que os grandes poetas e prosadores só iriam aparecer na outra geração, formando então um elenco em que José de Alencar e Gonçalves Dias se destacam brilhantemente. Aí, sim, podemos dizer que a nossa literatura adquire sua autonomia, liberta das garras do colonialismo português.

São esses os aspectos mais importantes do nosso Romantismo, porém, para que você compreenda melhor tudo o que foi dito e assimile ainda outros aspectos, observe o que nos diz Afrânio Coutinho (1980) que muito bem estudou esse momento literário tão significativo da cultura nacional:

Foi graças ao próprio senso de relativismo do movimento que ele se adaptou à situação local, valorizando-a, de acordo com a regra romântica de exaltação do passado e das peculiaridades nacionais. Assim, o Romantismo, no Brasil, assumiu um feito particular, com caracteres especiais e traços próprios, ao lado dos elementos gerais, que o filiam ao movimento europeu. De qualquer modo, tem uma importância extraordinária, porquanto foi a ele que deveu o país a sua independência literária, conquistando uma liberdade de pensamento e de expressão sem precedentes, além de acelerar, de modo imprevisível, a evolução do processo literário. O período de meio século, entre 1800 e 1850, mostra um grande salto na literatura brasileira, passando-se das penumbras de uma situação indefinida, misto de neoclassicismo decadente, iluminismo revolucionário e exaltação nativista, para uma manifestação artística, em que se reúne uma plêiade (grande quantidade) de altos espíritos de poetas e prosadores, consolidando em uma palavra, a literatura brasileira, na autonomia de sua tonalidade nacional e de suas formas e temas, e na autoconsciência técnica e crítica dessa autonomia. (p. 152-3)

Afrânio Coutinho segue afirmando que “o estudo da evolução e características dos diferentes gêneros, e a análise das teorias literárias e críticas que informaram o movimento, evidenciam a gênese (nascimento) dessa consciência de uma literatura que atingia sua independência” (1980, p. 76). Sobressai nesse instante a figura de José de Alencar, o patriarca da

literatura brasileira, símbolo da revolução literária então realizada, a cuja obra está ligada a fixação desse processo revolucionário que enquadrou a literatura brasileira nos seus moldes definitivos: incitando o movimento de renovação; acentuando a necessidade de adaptação dos moldes estrangeiros ao ambiente brasileiro, em lugar da simples imitação servil; defendendo os motivos e temas brasileiros, sobretudo indígenas, para a literatura que deveria ser a expressão da nacionalidade; reivindicando os direitos de uma linguagem brasileira; colocando a natureza e a paisagem física e social brasileira em posição obrigatória no descritivismo romântico; exigindo o enquadramento da região e do regionalismo na literatura; apontando a necessidade de ruptura com os gêneros neoclássico em nome de uma renovação que teve como consequência imediata, praticamente, a criação da ficção brasileira, relegando para o limbo das formas ultrapassadas a epopéia que Gonçalves de Magalhães tentara reabilitar ainda em plena metade do século.

Como você pode constatar, Alencar deu um enérgico impulso à marcha da literatura brasileira para a alforria (libertação). A poesia segue o mesmo processo revolucionário, transplantada para o plano íntimo (subjetivismo), embora, ao lado do lirismo, formas de veia épica e narrativa se hajam cultivado com valorosas expressões, sobretudo em Gonçalves Dias e Castro Alves. Porém, os tipos (gêneros poéticos) que caracterizaram os neoclássicos e mesmo os pré-românticos foram de todo superados.

Teve, portanto, o movimento romântico todas as qualidades de uma revolução, dando largas às manifestações do temperamento poético e literário nacionais, conforme dissemos antes. Para melhor acentuar essa nota revolucionária, há o paralelismo com as circunstâncias sociais e políticas, também de natureza nitidamente revolucionária, que acompanhou o processo da independência, em 1822. Afrânio Coutinho (1980) defende que,

Particularmente, o progresso cultural é tal que dificilmente se poderá apontar época de maior significação na história da cultura brasileira. E se cabe, inegavelmente, a Alencar um posto sem igual, talvez, como a figura que encarna e simboliza, no plano literário, essa revolução, não foi ela, todavia, obra de um só homem, como isso poderia fazer supor. Basta o registro da galeria de poetas do Romantismo para comprovar a assertiva. Tudo assim põe em relevo a importância e o significado do Romantismo na literatura e na cultura brasileira (p.154)

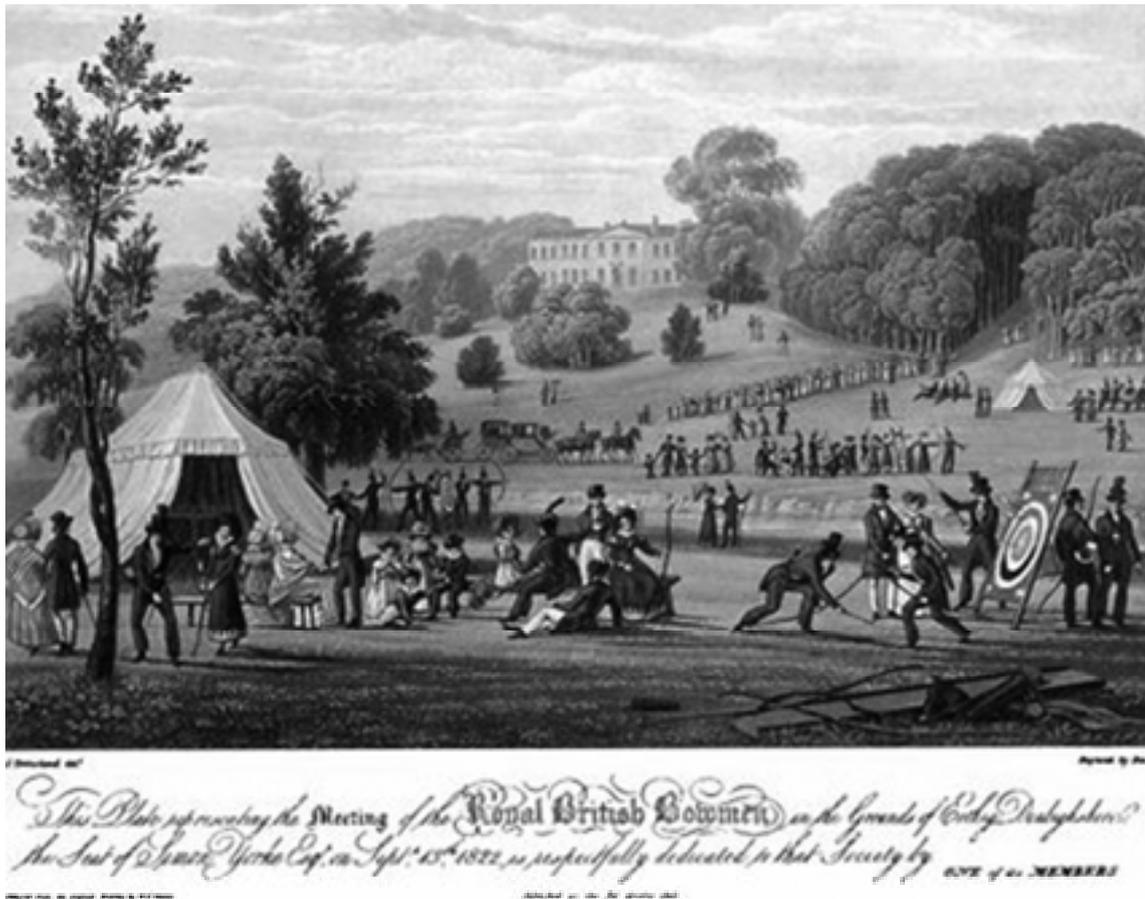
O crítico enfatiza as novidades que o Romantismo introduziu, levando em conta que o Arcadismo, que o precedeu, manteve-se fiel, sobretudo na forma, aos modelos clássicos e lusos. “Dessa maneira, evidencia-se a novidade do Romantismo, ainda mais destacada pelo contraste com os elementos arcádicos, muitos dos quais penetraram, sob forma de

resíduos, até a primeira fase do Romantismo.” (1980, p.155). É bom lembrar que os estilos de época (Barroco, Arcadismo, Romantismo, etc. não são compartimentos nitidamente separados, mas apresentam zonas de transição, onde se acentuam algumas características enquanto outras se diluem).

Afrânio Coutinho (1980) lembra que na fase de transição do Romantismo brasileiro a contribuição do Arcadismo foi muito importante. Outro fato que contribuiu muito para o progresso da nação foi a vinda da família real portuguesa para o Brasil: “O progresso geral do país durante a fase da permanência da Corte português a (1808-1821), imediatamente seguida pela Independência (1822), teve indisputável expressão cultural e literária” (1980, p.155-6). O Rio de Janeiro tornou-se, além da sede do governo, a capital literária, e, com a liberdade de prelos (até então o Brasil não publicava nada) estabeleceu-se intenso movimento de imprensa por todo o país, em que se misturavam a literatura e a política numa feição bem típica da época.

À agitação intelectual que caracteriza a fase posterior à Independência há que se aliar uma grande curiosidade acerca do país – sua história, sua vida social, econômica e comercial, sua raça, flora e fauna, - de que resultou a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), além do interesse pelas ciências naturais, pela mineralogia, química, medicina. Através do jornalismo – político ou literário, pela notícia e pela tradução – a cultura brasileira mantinha-se em contato com os grandes centros estrangeiros. Mas essa função foi também preenchida pela tradução divulgada em livro ou jornal, de literatura de idéias ou de ficção, feita por penas ilustres. Teve influência poderosa na renovação intelectual, uma vez que divulgava a cultura estrangeira, desde que, cessada a proibição lusa à importação intelectual, se abriram livremente as portas às idéias. Assim, os ideais iluministas, enciclopedistas, revolucionários e românticos tiveram livre curso no país, produzindo rapidamente os seus frutos.

A capacidade para fazer discurso (oratória) que impregnou fortemente a mentalidade brasileira foi um valioso instrumento de divulgação dos ideais libertadores. Porém, foi a poesia lírica a expressão literária dominante nessa fase de transição. E entre as manifestações poéticas, importa que destaquemos o nome de Gonçalves de Magalhães, que escreveu o poema épico *Confederação dos Tamoios*, de linhas nitidamente tradicionais. Porém, a preferência dada ao tema do indianismo, a fusão de política e literatura e a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836) justificam sua posição de introdutor do Romantismo no Brasil. A influência francesa foi essencial para a divulgação do ideário romântico entre nós. Foram os românticos franceses, tais como Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Musset e outros que favoreceram a eclosão do Romantismo no Brasil. Não estávamos mais sob a tutela de Portugal, mas abertos aos ideais de libertação que nos chegavam de outros países, sobretudo da França.



Romantismo – Atmosfera bucólica das fazendas (Fonte: <http://images.google.com.br>).

O Romantismo tem início, no Brasil, entre as datas de 1808 (não se esqueçam da chegada da Corte no Brasil!) e 1836 (publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades*). Atentem para a marca do subjetivismo presente no título do livro de poemas de Gonçalves de Magalhães. De 1836 (momento inaugural) a 1860 se estende esse movimento entre nós, sendo que seu apogeu se situa entre 1846 e 1856; depois de 1860, já encontramos textos que apontam para o Realismo e Parnasianismo. O movimento romântico no Brasil processou-se, como o europeu, através de ondas, isto é, de gerações sucessivas, que constituem grupos mais ou menos diferenciados do ponto de vista temático, ideológico e formal. Afrânio Coutinho (1980) postula que

é problema dos mais complexos a classificação e distribuição dos escritores românticos brasileiros, resultante da própria complexidade do movimento, entrecortado de correntes cruzadas e tendências variadas e, por vezes, divergentes” (p.161). (...) Há representantes de uma geração que a ultrapassam espiritualmente e tomam parte em outro grupo. Há figuras de transição; há os diletantes e marginais,

que não se fixam ou evoluem, adaptando-se a grupos sucessivos; os retardatários, os que não pertencem a qualquer grupo, ou que se ligam a um grupo por identidade espiritual e estilística, mas que não é o da sua geração; e em cada grupo, há as figuras maiores, bem representativas, e as secundárias que se ligam às principais de maneira descolorida, hesitante, incharacterística (p. 161).

Acentua que sem respeito à estrita cronologia, já violentada pela realidade, podem-se estabelecer grupos estilísticos e ideológicos na evolução do Romantismo brasileiro. Em primeiro lugar, é mister distinguir o Pré romantismo e o Romantismo propriamente dito, este último com quatro grupos, fixando-se datas como simples marcos flexíveis de 'referência. Este dado apontado pelo renomado crítico é fundamental, uma vez que não há um corte marcante entre uma e outra geração. Elas se imbricam e, muitas vezes, um mesmo escritor pertence a mais de uma geração. Vamos, portanto, seguir a divisão do nosso Romantismo em grupos, isto é, gerações, cujas datas são meros pontos de referência.

A propósito, você sabe definir o pré romantismo (1808- 1836)? Trata-se de um corpo de tendências, temas, idéias, sem constituir doutrina literária homogênea, com remanescentes classicistas e arcádicos, e elementos novos. Já se encontram algumas notas específicas do Romantismo. Ora como antecessores, ora como precursores, ora como figuras de transição, anunciam, preparam ou veiculam as qualidades românticas. Muitas das figuras dessa fase, por incharacterísticas, atravessam o Romantismo, como diletantes ou marginais, aproveitando os recursos formais ou temáticos, sem contudo se realizarem plenamente. A influência portuguesa vai cedendo o lugar à francesa e inglesa. Cultiva-se intensamente o jornalismo (político e literário, na maioria misturados), a eloquência sacra, e profanam a poesia lírica, a história, as ciências naturais. Compreende mais ou menos figuras nascidas antes de 1820.

A GERAÇÕES ROMÂNTICAS NO BRASIL

Originalmente, são três os momentos do nosso Romantismo, porém, a título de compreensão, apresentaremos quatro, pois contemplaremos aqueles que originalmente sentiram a necessidade desta nova estética, entendidos como idealizadores. A primeira geração romântica data de (1836-1840). Inicia-se pelo grupo fluminense, com o manifesto romântico de 1836: *Niterói, Revista Brasiliense*. Aqui encontramos tendências contraditórias, de conservadorismo, com resíduos classicistas, ao lado de busca deliberada de uma nova estética, o que faz com que esta geração não mais pertença à fase pré-românica, desempenhando um papel de iniciação e introdução. Ao lado de uma poesia religiosa e mística, encontramos o nacionalismo, a lusofobia, as influências inglesa e francesa. As idéias

românticas procuram impor-se através de outros temas, revelando uma nova sensibilidade; aparecem os primeiros romances (ainda muito precários); desenvolve-se o gosto pela natureza; intensifica-se o interesse pelo Brasil (científico, filosófico, histórico, sociológico). O gênero preferido é a poesia lírica, mas a ficção (romance e conto) e o teatro dão os primeiros passos, pois até então esses gêneros literários inexistiam no Brasil; o cultivo do jornalismo continua intenso, fazendo da imprensa um importante veículo para a divulgação das coisas brasileiras. Representantes de maior destaque: Gonçalves de Magalhães (considerado o iniciador do Romantismo), Teixeira e Souza (iniciador do romance), Varnhagen (historiador).

Segunda geração (1840-1850). Apesar de incluir figuras pertencentes à geração anterior e, conseqüentemente, aparecerem ainda traços do passado classicista e luso, temos aqui um grupo bem caracterizado e diverso do anterior. Predominam a descrição da natureza aliada à idealização do selvagem, que passou a ser o símbolo do espírito nacional. O indianismo, que já havia se revelado no Arcadismo (Neoclassicismo) se torna um veio riquíssimo da literatura brasileira. No Arcadismo, o índio é personagem de dois poemas épicos – *Uraguai* (Basílio da Gama) e *Caramuru* (Santa Rita Durão), mas trata-se aqui de um indianismo sem a grandeza da estética romântica, em que o índio é idealizado. São evidentes as influências de Chateaubriand, Walter Scott e outros. Os gêneros mais cultivados são a poesia lírica, a ficção (romance e conto), o teatro, a crítica (muito presente nos jornais da época) e a história, cujos fatos servem de matéria ao romance histórico, muito comum nesta geração. Representantes de maior destaque: Joaquim Manuel de Macedo (autor do famoso romance *A moreninha*), Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães (autor da *Escrava Isaura*), José de Alencar, considerado o “patriarca da literatura brasileira” pela importância do seu projeto literário.

Terceira geração (1850-1860). Encontramos aqui traços do “mal do século”, isto é, o subjetivismo exacerbado, a dúvida, a desilusão, cinismo e negativismo boêmio, responsáveis por temas como amor/morte, que revelam a influência do poeta inglês Byron. A ficção consolida-se com a produção de inúmeros romances de Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, romances que falam sobre o Brasil e o homem brasileiro, com intenções nacionalistas. Surge também a ficção histórica, por influência de Walter Scott, e Alencar produz o romance urbano, de crítica social. É o grande momento da ficção romântica, que se firma como gênero literário de valor, com a publicação de *O Guarani* (1857), de Alencar. São representantes de destaque nesta geração: Manuel Antonio de Almeida, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes

Varela e outros com destaque especial para José de Alencar.

Quarta geração (1860-1870). É a fase do Romantismo liberal e com intensa impregnação político-social, nacionalista e abolicionista. Na poesia lírica, além do lirismo intimista e amoroso, encontramos uma poesia

cheia de metáforas arrebatadoras e ousadas, que deu origem ao condoreirismo (referência ao condor que plana nas alturas, símbolo da liberdade). Grande preocupação formal leva os poetas a experiências que, aliadas ao clima de realismo literário e filosófico, conduzem a poesia para o Parnasianismo. São nomes de destaque: Sousândrade, Tobias Barreto, Machado de Assis, Castro Alves, o maior representante da poesia abolicionista (*O Navio Negreiro*) e defensor da liberdade social. Trata-se de uma fase riquíssima da nossa literatura, pois além dos nomes citados, não podemos esquecer que os já presentes na geração anterior continuavam a produzir romances (ex: *Alencar*), poesia (ex: Gonçalves Dias), etc.

A partir de 1870, o Romantismo começa a adquirir outros traços provenientes das correntes filosóficas emergentes. O materialismo se opõe ao espiritualismo reinante na estética romântica. Isso fica muito claro no romance *A pata da gazela*, de Alencar (1870), em que o autor (tipicamente romântico) faz a crítica do materialismo reinante nesta época, criando o personagem Horácio, símbolo dessa corrente de pensamento. Contrastando com ele, temos um personagem romântico, que se apaixona pelo sorriso da heroína, enquanto Horácio se apaixona pelo pé. Não precisamos dizer que o vencedor deste triângulo amoroso é o nosso sonhador romântico, ficando o outro a ver navios. Em 1870 (sempre relativizando as datas), a literatura começa a sofrer a influência do Positivismo, que vai ter uma ação profunda na nossa cultura, como você já deve saber. A nossa querida bandeira tem por lema – Ordem e Progresso – dois princípios positivistas básicos.

O início do Romantismo coincide com o nascer da nacionalidade, ajustando-se à alma do povo, cujos anseios e qualidades sentiu e expressou. Era um instante de exaltação individual e coletiva que encontrou na estética romântica o meio adequado de realização. Por isso, costuma-se dizer que, no Brasil, o Romantismo precede a si mesmo. Mais do que um movimento literário estrito, foi antes e acima de tudo um estilo de vida nacional. É bem romântico o culto brasileiro da inspiração, da improvisação e da espontaneidade, aspectos inerentes da estética romântica. Conseqüência disso é a extrema popularidade da literatura romântica, que correspondeu e ainda corresponde a uma exigência natural do povo, a uma tendência por assim dizer permanente da sua alma. São os românticos os escritores brasileiros mais populares: Gonçalves Dias (com sua *Canção do Exílio*), Casimiro de Abreu (com *Meus oito anos*), Castro Alves (com *O Navio Negreiro*), Macedo (com *a Moreninha*) e Alencar (com “os verdes mares bravios da minha terra natal”, em *Iracema*).

O Romantismo fez soarem os clarins da liberdade em todos os setores. À liberdade política correu paralela a renovação literária, numa consonância de ideais entre política e literatura, adquirindo esse movimento um colorido próprio, porque expressão de uma ânsia popular. Daí sua

autenticidade. A procura do colorido local peculiar conduziu os escritores às raízes da literatura oral. As formas tradicionais e folclóricas, na frescura de seu lirismo e de sua veracidade, seriam o fator diferenciador da literatura. Em lugar da mitologia clássica, os românticos preferiam povoar a imaginação com os mitos e cosmogonias ameríndias. Alencar, ao escrever *Iracema*, se valeu de uma lenda, usando de forma primorosa a tradição folclórica. Escolhemos um trecho que abre este romance para ilustrar tudo o que dissemos sobre o Romantismo, sobretudo o que concerne ao indianismo e nacionalismo. Leiam com atenção para saborear a linguagem pitoresca do narrador de Alencar.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome, outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo. Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas

logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

- Quebras comigo a flecha da paz?

Que tal arranjar um exemplar de *Iracema* – pode ser emprestado mesmo! – e continuar a leitura para, não só saber o que vai acontecer entre os dois – a virgem selvagem e guerreiro branco – (posso lhe garantir que vai acontecer o melhor), mas também para saborear a linguagem pitoresca do narrador de Alencar. Leia em voz alta. O texto tem a musicalidade de um poema. Segue-se a ele um pequeno poema de Álvares de Azevedo intitulado *Se eu morresse amanhã* para que vocês lendo percebam como a morte era importante para esse poeta ultra romântico que morreu jovem (apenas 21 anos). Sua obra traz as marcas da sua natureza contraditória, ao mesmo tempo frágil e poderosa.

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! Que céu azul! Que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o doloroso afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Como você pode comprovar, os românticos preferiam o 'local', diferentemente do Arcadismo em que predomina a Tónica mais cosmopolita. A Tónica localista oportuniza o esforço de ser diferente, afirmar a peculiaridade, mostrar a singularidade do país e do eu, espaço da poesia sentimental.

CONCLUSÃO

Para finalizar, gostaríamos de dizer que a estética romântica, importada da Europa, se aclimatou muito bem à nossa realidade cultural, gerando o Romantismo brasileiro que, sob certos aspectos, se distancia do Romantismo europeu. À ansia de independência política se aliou a necessidade de uma cultura própria, que representasse a nossa realidade. Daí a presença da natureza brasileira, do homem da terra, tudo visto por uma ótica ufanista, que haveria de ser, no Modernismo, bastante parodiada. À *Iracema* de Alencar se opõe *Macunaíma*, de Mario de Andrade (1928), em pleno Modernismo. O Romantismo brasileiro cumpriu, exemplarmente, a função de dar autonomia a nossa literatura e se constituiu num dos estilos mais ricos e diversificados da nossa literatura. Por isso, ao estudá-lo, para melhor compreender essa diversidade, costuma-se dividi-lo em etapas (4) que são marcadas por alguns traços específicos, embora todas façam parte do mesmo momento literário.

Do indianismo inicial de Gonçalves Dias ao condoreirismo de Castro Alves, a literatura romântica passa pelo ultra romantismo de Álvares de Azevedo, pelo romance urbano e regionalista de Alencar, para citar apenas os nomes mais significativos. Há também um “romantismo desviante”, isto é, uma vertente mais popular em que impera a ironia e, muitas vezes, o deboche. Esta vertente será objeto dos nossos estudos mais adiante, quando tivermos esgotado as representações mais significativa da estética romântica. Insistimos, aqui, mais uma vez, na necessidade de leituras dos textos românticos, das poesias e dos romances, pois só assim vocês poderão dizer que conhecem o Romantismo brasileiro.



RESUMO

Conforme vimos, no final do século XVII, novas transformações começam a delinear-se na mentalidade do homem da época, que já se mostrava descontente com as formas e os temas explorados no Neoclassicismo (Arcadismo). A ‘imaginação’ começa a predominar sobre a ‘Razão’; a sensibilidade espontânea, o entusiasmo, o emocional procuraram tomar vulto em detrimento das manifestações contidas, da medida cultivada pelo pensamento iluminista. Elementos como a alma, as paixões, o inconsciente buscaram criar uma realidade própria, muitas vezes melancólica e angustiada. Esse estado de alma fez brotar o Romantismo em meados do século XVIII, que provocou profundas transformações na organização política e social de vários países, dentre eles o Brasil. O Romantismo é, sem dúvida, ao lado do Modernismo, o mais importante momento literário no Brasil. E isto se deve ao fato de que é com ele que a literatura adquire sua autonomia, pois, até então, ela estava ligada, colonialmente, à literatura portuguesa, embora possuísse características brasileiras, conforme afirma Afrânio Coutinho. Construir uma literatura nacional fazia parte do projeto nacionalista, que surgiu no início do século XIX e levou o país à independência em 1822. A literatura romântica surgiu num momento político extremamente importante, incorporando os ideais de uma nação livre e independente. Por isso foi tão rica e exuberante, com muitos poetas e prosadores que exaltavam a natureza e o homem brasileiros. Assim, podemos afirmar com convicção que o movimento romântico teve todas as qualidades de uma revolução, dando largas às manifestações do temperamento poético e literário nacionais, conforme dissemos antes. Esse movimento, que se dividiu em diferentes correntes (gerações), fez soarem os clarins da liberdade em todos os setores. À liberdade política correu paralela a renovação literária, numa consonância de ideais entre política e literatura, adquirindo esse movimento um colorido próprio, porque expressão de uma ânsia popular. Daí sua autenticidade. A procura do colorido local peculiar conduziu os escritores às raízes da literatura oral e ao nacionalismo, permitindo a diferenciação da nossa em relação à literatura portuguesa.



ATIVIDADES

1. Qual a importância do Romantismo para a autonomia da nossa literatura?
2. Por que Jose de Alencar ficou conhecido como ‘patriarca’ da literatura brasileira?
3. A partir da leitura do fragmento de Iracema citado anteriormente, de que modo a descrição da personagem aponta para características românticas?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você, certamente, se sairá muito bem na sua resposta, pois já discutimos que final do século XVII, novas transformações começam a delinear-se na mentalidade do homem da época, que já se mostrava descontente com as formas e os temas explorados no Neoclassicismo (Arcadismo). A ‘imaginação’ começa a predominar sobre a ‘Razão’; a sensibilidade espontânea, o entusiasmo, o emocional procuraram tomar vulto em detrimento das manifestações contidas, da medida cultivada pelo pensamento iluminista. Elementos como a alma, as paixões, o inconsciente buscaram criar uma realidade própria, muitas vezes melancólica e angustiada. Esse estado de alma fez brotar o Romantismo em meados do século XVIII, que provocou profundas transformações na organização política e social de vários países, dentre eles o Brasil. O Romantismo é, sem dúvida, ao lado do Modernismo, o mais importante momento literário no Brasil. E isto se deve ao fato de que é com ele que a literatura adquire sua autonomia, pois, até então, ela estava ligada, colonialmente, à literatura portuguesa, embora possuísse características brasileiras, conforme afirmam alguns críticos literários..

Êpa, aqui você se sairá muito bem! Com certeza está lembrado de que o nosso Romantismo teve o mérito de oficializar a ‘reforma’ literária, certo? Dentre os escritores liberais deste período está José de Alencar, cujo liberalismo representa a forma mais pura de nacionalismo, de amor ao progresso e, portanto, totalmente contra o lusitanismo. No contexto da sua criação privilegia o índio, o elemento natural que vai substituir o cavaleiro português nas nossas obras românticas, juntamente com Gonçalves Dias, o que justifica o fato de o indianismo ter sido um veio riquíssimo da nossa literatura romântica. Alencar recebeu o ‘apelido’ de o patriarca da literatura brasileira, símbolo da revolução literária então realizada, pelo fato de sua obra está ligada a fixação desse processo revolucionário que enquadrou a literatura brasileira nos seus moldes definitivos: incitando o movimento de renovação; acentuando a necessidade de adaptação dos moldes estrangeiros ao ambiente brasileiro, em lugar da simples imitação servil; defendendo os motivos e temas brasileiros, sobretudo indígenas, para a literatura que deveria ser a expressão da nacionalidade; reivindicando os direitos de uma linguagem brasileira; colocando a natureza e a paisagem física e social brasileira em posição obrigatória no descritivismo romântico; exigindo o enquadramento da região e do regionalismo na literatura; apontando a necessidade de ruptura com os gêneros neoclássico em nome de uma renovação

que teve como consequência imediata, praticamente, a criação da ficção brasileira, relegando para o limbo das formas ultrapassadas a epopéia que Gonçalves de Magalhães tentara reabilitar ainda em plena metade do século. Como você pode constatar, Alencar deu um enérgico impulso à marcha da literatura brasileira para a alforria (libertação).

Você já deve ter notado que o romance 'Iracema' se integra no projeto nacionalista, portanto, as características físicas da índia se coadunam e se misturam com a própria natureza brasileira: a personagem tem 'os lábios de mel', os cabelos 'negros como a asa da graúna', e "mais longos que o talhe da palmeira", o que mostra o tipo brasileiro bastante diferente do europeu, mas, não inferior, apenas brasileiro.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, estudaremos com mais detalhes as características da primeira geração romântica. Consideraremos a primeira geração aquela que trata do indianismo (na nossa classificação corresponde à segunda), uma vez que a anterior diz respeito apenas aos idealizadores do Romantismo no Brasil.



AUTO-AVALIAÇÃO

Oi, agora é a vez de você avaliar o que aprendeu nesta aula, ok? Pense bem: Você se considera capaz de reconhecer a estética da literatura romântica, com suas respectivas características? Mais uma: É capaz de avaliar a importância desse movimento estético da nossa literatura? Que nota (de 0 a 10) daria a si mesmo? Avalie-se! Dica: destaque em cada parágrafo as observações que você considera mais importantes, procure o tutor e seus colegas e inicie um debate. Boa sorte!

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José. **O guarani**. São Paulo: Martins Claret, 2005.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1977
- _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, v. 2, 1997.
- _____. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Romantismo. Rio de Janeiro: José Olympio. v. 3, 1986.
- _____. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MERQUIOR, Jose Guilherme. **De Anchieta a Euclides. Breve história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

Endereços eletrônicos para consultas:

<http://www.clubedapoesia.com.br>

<http://www.literaturabrasileira.net/romantismo>.

<http://www.klickduacao.com.br>